

A RELATINIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (ABRAFIL e FFP-UERJ)

marciomoitinha@hotmail.com

Daniel de Assis Soares (UERJ)

das.brasil@yahoo.com.br

RESUMO

Este minicurso trata do seguinte tema: a relatinização da língua portuguesa, que será tratado através de um estudo diacrônico. Primeiramente versaremos sobre a fundamentação teórica que justifica e conduz este estudo. Após isso explanaremos sobre a origem da língua portuguesa, iniciando pela romanização até a reconquista cristã, destacando os fatos inerentes para formação dos dialetos iberos. Em seguida, examinaremos o galego-português por meio de textos escritos a partir do século XIII. Através deles analisaremos o léxico do português arcaico e sua respectiva origem, inclusive a datação dos termos de formação popular. Veremos ainda como se deu a formação lexical do idioma português, observando os mecanismos que norteiam o aumento vocabular, inclusive no português moderno. Cabe ressaltar que tal crescimento contou com vários fatores: históricos, culturais, tecnológicos e etc. Por fim desvendaremos o que foi o processo de relatinização, as condições históricas e os meios para a formação de um vocabulário erudito.

Palavras-chave:

Diacronia. Relatinização. Língua Portuguesa.

1. Considerações iniciais

O escopo deste minicurso é analisar o processo de relatinização da língua portuguesa, para tal, é necessário, antes, compreender outro processo: a evolução natural da língua. Este tem relação com a história, a qual está imbuída de diversos fatores que determinaram a formação do português.

Este surge a partir do latim vulgar, conhecido pelos romanos como “*sermo vulgaris*”, ou seja, a modalidade popular da língua latina, que difere da modalidade culta, também conhecida como “*sermo urbanos*”.

O latim vulgar era aquele falado pelas classes inferiores da sociedade de Roma, tais como: os soldados (*milites*), os marinheiros (*nautae*), os agricultores (*agricolae*), os artesãos (*fabri*), os sapateiros (*sutores*), os barbeiros (*tonsores*), os taverneiros (*caupones*) etc.

Segundo o autor Ismael Coutinho:

Nestas classes estava compreendida a imersa multidão das pessoas incultas, que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas e literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente. (COUTINHO, 1976, p. 30)

Esse latim utilizado por pessoas incultas era o somatório de falares das camadas mais humildes da sociedade, um meio de comunicação genérico, que estava acima das gírias concernentes as mais variadas profissões, isto é, um instrumento comum de comunicação cotidiano.

De acordo com o autor Silvío Elia ao tratar do latim vulgar diz: “Era [...] língua falada, não escrita. Língua de conversação diária [...] sem qualquer intenção que não fosse intercâmbio de indivíduo para indivíduo [...] (ELIA, 1979, p. 26).

Mais tarde, ele se expande sem limites por toda extensão do domínio imperial, com muitos arcaísmos, os quais estavam exilados da língua literária. Também possuía uma gama de empréstimos que trouxeram inovação ao idioma, estes incidiam sobre os vocábulos, em resultado das conquistas.

Em virtude da queda do Império Romano e a submissão dos seus domínios aos povos bárbaros, a aristocracia, que preservavam a erudição e tradição culta, foi extinta e as escolas fechadas, o que favoreceu a predominância e evolução do latim vulgar.

2. Da origem da língua portuguesa

2.1. Da romanização à reconquista cristã

Os romanos aportam na Península Ibérica em 218 a.C, este fato compõe uma das circunstâncias da Segunda Guerra Púnica, cujo encerramento se dá em 209 A.C com a vitória romana. Os vencedores conquistaram todo o território, por conseguinte, seus respectivos habitantes tiveram que incorporar o latim como idioma, exceto os bascos, os quais mantiveram sua língua. Nisso, constitui-se o processo de romanização conforme declara o autor Silva:

A Península Ibérica esteve por muitos séculos sob a dominação romana. Sofreu um processo de romanização tão profundo que acabou por assimilar não só a língua, mas também os costumes, leis, religião, usos romanos. Como a língua é dinâmica, visto que a cultura também o é, foi-se modificando através dos séculos. (SILVA, 2014, p. 2284)

Depois, em 409 a.C., os vândalos, suevos e Alanos tomam a Península, seguidos posteriormente pelos visigodos, como descreve o autor Paul Teyssier:

Os alanos foram rapidamente aniquilados. Os vândalos passaram para a África do Norte. Os suevos, em compensação, conseguiram implantar-se e, por muito tempo, resistiram aos visigodos, que tentavam reunificar a Península a seu favor. No século V o reino suevo era muito extenso, mas por volta de 570 reduziu-se à Gallaecia e aos dois bispados lusitanos de Viseu e Conímbriga. Em 585, esse território foi conquistado pelos visigodos e incorporado ao seu Estado. (TESSIER, 1998, p. 5)

Tanto os suevos quanto os visigodos, no tocante a cultura e a língua, não contribuíram muito, diante disso, o latim na modalidade escrita permanece como única língua para comunicação e propagação cultural, enquanto na modalidade oral evolui velozmente e diferencia-se, tal fato é consoante com o que declara o autor Silva:

[...] Quando o Império Romano ruiu e a unidade política cessou, as mudanças linguísticas acentuaram-se, ainda mais porque foram assimilados diversos fatores provenientes das invasões dos povos ditos bárbaros. De uma só língua falada, o latim vulgar, surgiram variações cada vez mais acentuadas [...]. (SILVA, 2014, p. 2284)

No ano de 711, os mulçumanos ocupam e conquistam a Península Ibérica em um curto espaço de tempo, inclusive as regiões da Lusitânia e da Gallaecia. Estes que influenciaram o território ibero com a religião islâmica, com a língua e cultura árabe eram chamados de “mouros”.

Devagar, os cristãos oriundos do norte expelam de maneira gradativa os mouros em direção ao sul. Nesse período da Reconquista, mais precisamente no século XII, surge o reino independente de Portugal.

Tanto a invasão mulçumana quanto a reconquista cristã são fatos históricos decisivos para formação das seguintes línguas peninsulares: o catalão (a leste), o castelhano (no centro) e o galego-português (a oeste).

2.2. Do galego-português

O galego-português é proveniente do latim vulgar, aquele emerge no século IX, quando a península ibérica estava sendo dominada pela ofensiva árabe, neste tempo especificamente ocorre um isolamento dos dialetos.

Somente mais tarde, no século XIII, começam a aparecer primeiros textos escritos em galego-português, como atestam os autores Saraiva e Lopes quando dizem:

Os mais antigos textos literários em língua portuguesa são composições em língua portuguesa em verso coligadas em cancioneros de fins do século XIII e do século XIV, que reúnem textos desde fins do século XII. Mas devemos supor muito anteriormente a tal época produção verificatória e cantada testemunhado por estes textos escritos. A literatura oral, com efeito, só se fixa por texto escrito em época tardia da sua evolução, quando as condições ambientes já divergem daqueles que deram a sua origem (SARAIVA; LOPES, 2010, p.45-46).

Em tais composições, podemos verificar um léxico de formação popular, ou seja, palavras que passaram por modificações no processo de evolução da língua.

[...]
Pero que troban e sabenoar
sas senhores o mais e o melhor
que eles podem, são sabedor
que os que troban, quand'a **frol** sazón
há e nom ante, se Deus mi perdom,
nom ham tal coita qual eu hei sem par
[...] ²⁸ (Grifo nosso)

[...]
Mesmo(os) que trovam e sabem louvar
às suas senhoras o mais e o melhor
que eles podem, sabem
que os que trovam (o faz) quando éa estação
da **flor** e não antes, se Deus (conceder a) a mim (o) perdão,
não hão (de ter) tal sofrimento que eu hei (de ter) sem par.
[...] ²⁹

No mundo non me sei **parelha**,
mentre me for como me vai,
ca já moiro por vós e ai
mia senhor **branca e vermelha**,
[...] ³⁰ (Grifos nossos)

²⁸ DINIS, D. Proençais soen mui ben trobar. In: LOPES *et al.* Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt> Acesso 02 set. 2013.

²⁹ Versão realizada conforme o glossário em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>

³⁰ TRAVEIRÓS, Paio Soares. No mundo non me sei parelha. In: LOPES *et al.* Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>

No mundo não sei (se há) alguém semelhante a mim³¹
Enquanto (minha vida) for como vai,
Pois já morro por vós e ai
Minha senhora (pele) **branca** e (face) **rosada**³²
[...]³³

Amigos, nomposs' eu negar
a gran **coita** que d'amor hei,
me vejo sandeu andar,
e con sandece o direi:
os olhos verdes que eu vi
me fazem ora andar assi.
[...]³⁴ (Grifos nossos)

Não posso eu negar
o grande **sofrimento** de amor (que)hei (de ter)
pois me vejo louco andar
e com loucura o direi:
os olhos verdes que vi
me fazem (por) ora andar assim³⁵

Ai, dona **fea**, fostes-vos queixar
que vos nunca louv'en (o) meu cantar;
mais ora quero fazer un cantar
en que vos loarei todavia;
e vedes como vos quero loar:
dona **fea**, velha e sandia!³⁶ (Grifo nosso)

Ai, dona **feia**, fostes-vos queixar
que nunca vos louvo em meu cantar;

³¹ Ou Não sei no mundo de alguém como eu (possibilidade apontada pelo glossário em: o glossário em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>)

³² A expressão advém, sem dúvida, da lírica provençal, onde diversos trovadores a utilizam para mencionar à beleza feminina (uma pele branca e rosada). Em especial, a palavra rosada etimologicamente corresponde à avermelhada, corada, ou seja, vermelha.

³³ Versão realizada conforme o glossário em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>

³⁴ GILHARDE, João de Garcia de. Amigos, non poss' eu negar In: LOPES *et al. Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>

³⁵ Versão realizada conforme o glossário em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>

³⁶ GILHARDE, João de Garcia de. Amigos, non poss' eu negar In: LOPES *et al. Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>

mas agora quero fazer um cantar
em que vos louvarei todavia;
e vedes como vos quero louvar;
dona **feia**, velha e louca.³⁷

Estes fragmentos destas cantigas medievais escritas em galego-português ou português arcaico contêm termos que datam entre os séculos XII e XIV, isto é, palavras de formação tardia conforme a tabela abaixo.

Tabela 1 – Léxico de formação popular.

LÉXICO DE FORMAÇÃO POPULAR		
TERMO	DATAÇÃO	ORIGEM
coita	Século XIII	coctare, coctus, a, um (latina)
branca	1251	blank (germânica)
fea	1162	foedus, a, um (latina)
frol	Século XIII	flos, floris (latina)
parelha	Século XIII	pariculus, a (latina)
vermelha	Século XIII	vermiculus (latina)

Fonte: HOUAISS, 2009.

A palavra “branco (a) é etimologicamente de origem germânica, todavia não é a única, na formação da língua portuguesa várias outras palavras que são igualmente hereditárias, tais como as que aparecem na tabela abaixo:

Tabela 2- Léxico de origem germânica.

GÉRMANICO	PORTUGUÊS	DATAÇÃO
raubon	roubar	Século XIII
rauba	roupa	1136
windan	guindar	Século XIV
widan	guiar	Século XIII
stakka	estaca	Século XIV
gans	ganso	Século XIV

Fonte: HOUAISS, 2009.

Logo, a partir destes dados, podemos concluir que a formação do léxico da língua portuguesa ocorreu através de: hereditariedade³⁸ e empréstimos, o qual será tratado mais adiante.

³⁷ Versão realizada conforme o glossário em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>

2.3. Do Português moderno

No século XV, ocorreram as grandes navegações portuguesas, que era um veículo expansionista, cujos frutos estavam sendo colhido, inclusive no campo lexical. Novas palavras provenientes de empréstimos de outros povos estavam agregando este vocabulário moderno.

[...] português teve contato, durante a sua fase clássica, com diversas línguas, literalmente das mais diferentes partes do globo. Alguns exemplos dessas incorporações lexicais são: zebra (do etíope), canja (do malabar, língua falada no Sri-Lanka), chá (mandarim), condor e lhama (do quéchua), chocolate (azteca), manga (indonésio), sagu (malaio), várias palavras de origem tupi, como ananás, amendoim, mandioca etc. (GONÇALVES; BASSO, 2010, p. 98)

Além dos empréstimos de outros idiomas, o vocabulário passou por mudanças, como por exemplo, a perda do gênero neutro, que aconteceu ainda na fase arcaica, ou seja, no galego-português. De acordo com o autor Bagno:

Na 1ª declinação não existiam nomes neutros: eram quase todos femininos, de tal forma que a terminação -a passou a ser característica dos nomes femininos em português, ao contrário do latim, em que as palavras femininas podiam ter as mais diversas terminações (inclusive -o, como no nominativo de passio, religio, virgo, vertigo etc.).

Na 2ª declinação, a maioria dos nomes eram masculinos e neutros. Com isso, a terminação -o (do acusativo singular -um > -u > -o) se tornou a característica dos nomes masculinos em português. Os substantivos neutros, como tinham suas desinências idênticas às dos masculinos, também passaram a esse gênero: **pratum > pratu > prado; exemplum > exemplu > e xemplo; templum > templu > templo; uinum > uinu > vino > vinho etc.**

No entanto, como a terminação do plural dos neutros era -a (exemplum – exempla), ocorreram fusões desse plural com o gênero feminino. É o que se verifica com as palavras usadas com o valor de pluralidade ou de coleção que, neutras plurais em latim, se transformaram em femininas singulares em português (BAGNO, 2007, p. 31) (Grifos nossos)

³⁸ Trata-se do processo de transformação que as palavras vieram sofrendo ao longo de sua evolução histórica. Tais vocábulos são resultados de contribuições latinas, pré-românicas (substratos célticos e iberos) e pós-românicas (superstratos germânicos e árabes).

Tabela 3 – Transição do gênero neutro para o feminino.

LATIM	PORTUGUÊS
NEUTRO SING. NEUTRO PLUR.	FEM. SING.
ovum ova	ova
folium folia	folha
brachium brachia	braça
lignum ligna	lenha
interaneum interanea	entranha
vestimentum vestimenta	vestimenta

Fonte: BAGNO, 2007, p. 31.

Os nomes neutros da 3ª declinação passaram, em geral, para a 2ª, assumindo o gênero masculino. Alguns, cujo gênero já alternava e latim com o masculino ou o feminino, passaram ao português com esses gêneros: mare > mar (f. no port. arc. e m. nomoderno); rete > rede (f.) (*Idem, Ibidem*)

Isso causou flutuações de gênero, de maneira que, ora eram masculinas, ora femininas, conforme o fragmento da cantiga trovadoresca No mundo não sei (se há) alguém semelhante a mim:

No mundo non me seiparela,
 mentre me for como me vai,
 ca já moiro por vós e ai
mia senhor branca e vermelha,
 [...] ³⁹(grifo nosso)
 No mundo não sei (se há) alguém semelhante a mim
 Enquanto (minha vida) for como vai,
 Pois já morro por vós e ai
minha senhora (pele) branca e (face) rosada
 [...] ⁴⁰(Grifos nossos)

O temo “senhor”, neste caso, foi usado no feminino, isso é constatado pela presença do pronome possessivo arcaico “mia”. Para dar fim a tais flutuações de gênero, o respectivo uso do masculino e feminino foi normatizado no século XV (na fase moderna da língua, que perdura até os dias de hoje). Isto pode ser notado pela própria versão do texto para o português moderno: “**minha senhora** (pele) branca e (face) rosada”.

Na língua portuguesa moderna embora não exista o gênero neutro, podemos encontrar seus vestígios em:

a) Pronomes demonstrativos: **isto, isso e aquilo**;

³⁹ *Ibidem*

⁴⁰ Versão realizada conforme o glossário em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt/glossario.asp>

- b) Pronomes indefinidos: **nada, tudo e algo;**
- c) Adjetivos substantivados: **a bela, a linda, o agradável;**
- d) Infinitivo substantivado: **o amar, o fazer, o trazer e etc.**

Retomando a questão dos empréstimos, cabe ressaltar, que o português moderno durante o período em questão, ter recebido empréstimos de outros idiomas pertencentes a povos de outros continentes como América, Europa e Ásia, também, mais tardiamente, empréstimos latinos vindos de vocábulos clássicos.

3. Da relatinização

Uma vez, já estabelecida a fronteira entre português arcaico e o português moderno, começa no século XVI, época do renascimento cultural na Europa, um movimento que contou com a participação de gramáticos de grande prestígio e intelectuais. Segundo Bagno:

[...] no empenho de criar uma língua de cultura erudita capaz de transmitir os novos valores humanistas, filosóficos e científicos, e de ser veículo de uma literatura requintada, recorreram à obra dos grandes escritores romanos, de onde tomaram emprestados muitos termos com os quais esperavam conferir à língua portuguesa uma feição clássica. Não por acaso também deste período que datam as primeiras gramáticas da língua portuguesa, sendo a pioneira delas a de Fernão de Oliveira, de 1536. (BAGNO, 2007, p. 53)

Esse movimento foi denominado de relatinização. Este pode ser definido como o processo de criação de termos alatinados. Cabe lembrar, que esse processo já vem ocorrendo desde a Idade Média como esclarecem os autores Saraiva e Lopes:

O Latim, e, sobretudo o Latim escolástico, foi como não podia deixar de ser, a língua sobre a qual a prosa doutrinal portuguesa apoiou os primeiros passos, que decalcando nele suas formas, quer aprovisionando-se do vocabulário que lhe faltava. [...] D. Duarte socorre-se frequentemente a latinismos, embora condene seu uso imoderado. Palavras como: abstinência, infinito, fugitivo, evidente, sensível, intelectual, circunspeção e etccontam-se entre os latinismos que nesta época são enxertados no tronco da língua. (SARAIVA; LOPES, 2010, p. 115)

A introdução de vocábulos latinizados, promovida por tal movimento, aconteceu de duas maneiras: por inserção de palavras novas ou recondução. O uso de palavras alatinadas novas pode ser encontrado, por exemplo, na obra de Camões, *Os Lusíadas*, conforme os trechos a seguir:

E se buscando vás mercadoria
Que produz o **aurífero**
[...]
Ou se queres **luzente** pedraria
[...]⁴¹

[...]
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete **belígero** arremessa.
[...]⁴²

Mas neste passo a Ninfa, o som **canoro**
Abaixando, fez ronco e entristecido
[...]⁴³

[...]
Num globo vão, **diáfano**, rotundo,
Que Júpiter em dom lho concedeu
[...]⁴⁴

[...]
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram **devastando**
[...]⁴⁵

Os termos supracitados nestes fragmentos têm datação recente conforme demonstra a tabela abaixo:

Tabela 4 – Léxico inovador.

LÉXICO INOVADOR		
LATIM	PORTUGUÊS	DATAÇÃO
aurifer, era, erum	aurífero (que leva ouro)	1572
belliger, era, erum	belígero (que traz a guerra)	1572
canorus, a, um	canoro (melodioso)	1572
devastare	devastando (destruindo)	1572
lucens, lucentis	luzente (que brilha)	Século XIV

Fonte: HOUAISS, 2009.

⁴¹ CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>

⁴² *Id.*, *ibid.*

⁴³ CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>

⁴⁴ *Id.*, *ibid.*

⁴⁵ *Id.*, *ibid.*

Como vimos, além da introdução de termos inovadores, a relatinação também se dá também pela recondução, isto é, formas derivadas do processo natural de evolução das palavras foram rejeitadas para serem substituídas pelas formas mais próximas da língua latina. Como revela a tabela abaixo:

Tabela 5 – Léxico reconduzido.

LÉXICO RECONDUZIDO				
ORIGEM	POPULAR	DATAÇÃO	ERUDITO	DATAÇÃO
planus	chão	1261	plano	Século XIV
albus	branca	1251	alvo	Século XIV
frigidus	frio	1101	frígido	1542
masculus	macho	Século XIII	másculo	1687
oculus	olho	Século XIII	óculo	1649
vemiculus	vermelho	Século XIII	rubro	1529

Fonte: HOUAISS, 2009.

4. Conclusão

A língua portuguesa é oriunda da evolução do latim vulgar, que foi levado pelos romanos à península Ibérica durante a romanização. Após a queda de Roma e as invasões bárbaras, houve um maior isolamento da península o que favoreceu a transformação do idioma.

Depois, com a ocupação dos mouros em 711 os dialetos que evoluíram a partir do latim ficaram isolados. No século XII, com a reconquista cristã, emerge o reino de Portugal.

A chegada dos mulçumanos e a reconquista cristã foram determinantes para a constituição das línguas peninsulares: o dialeto catalão (a leste), o castelhano (no centro) e o galego-português (a oeste).

Este último, também proveniente do latim vulgar, tem seus registros escritos a partir do século XIII, estes são fontes importantes do léxico do português arcaico, pois revelam palavras que já passaram pelo processo de mudança natural da língua. Além disso, ainda no galego-português há a perda do gênero neutro, cujos vestígios ainda são encontrados no português moderno, que surge no século XV no contexto das grandes navegações portuguesas, época em que o idioma recebeu influência de línguas de outros povos, o que contribuiu para uma expansão lexical.

No português moderno, ocorreu também uma normatização do idioma e sua diferenciação com o galego, isto é o português era uma língua e o galego outra.

Nessa época, também apareceram às primeiras gramáticas e os primeiros textos clássicos com vocábulos relatinizados, muitos usados pela primeira vez por Camões. Estes termos relatinizados entraram para língua portuguesa durante este período, na fase moderna da língua. Isso é resultado do movimento de relatinização da língua, que está relacionado diretamente com o Renascimento Cultural europeu. Este movimento contou com a participação de intelectuais e gramáticos portugueses, cujo objetivo era a elaboração de um léxico erudito através das fontes latinas.

Este léxico relatinizado foi obtido por meio de dois processos: a introdução de palavras novas e a recondução, que é um processo inverso da evolução natural da língua, isto é, ao invés do distanciamento, há uma aproximação do léxico latino, por meio do uso de palavras que mais próximas do latim. Logo, por causa disto, hoje temos uma gama de vocábulos alatinados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Brasília: UNB, 2007. Disponível em: www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.DomínioPublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf>

Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011. Disponível em: <http://cantigas.fsh.unl.pt>

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ELIA, Silvio. *Preparação à Linguística Românica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; BASSO, Renato Miguel. *História da língua*. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. [S.l.]: Objetiva, 2009. Versão 3.0- 1 CD-ROM.

SARAIVA, António José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2010

SILVA, Amós Coelho da. Relatinização do português. In: *Anais da IX JNLFLP*. Revista Philologus, Ano 20, N° 60 Supl. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2014. p. 2283-9

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Ferreira da Cunha. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.